

Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 28, Resumo Conclusão

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

O que quero fazer agora é tentar reunir tudo o que falamos nas sessões anteriores. E discutimos hermenêutica e interpretação bíblica. Olhando para a hermenêutica como uma espécie de pergunta ou levantamento da questão: como é que entendemos ou sabemos alguma coisa?

O que fazemos quando interpretamos um texto? O que fazemos quando tentamos compreender um texto? No nosso caso, um texto do Antigo ou do Novo Testamento. E quais são as várias teorias que explicam o que fazemos quando lemos e interpretamos algo e tentamos compreender algo. E então, talvez, ver a interpretação de forma mais ampla, como a aplicação de princípios e métodos ao texto bíblico, a fim de compreendê-lo e dar sentido a eles.

E então vimos, primeiro, várias teorias de interpretação e teorias hermenêuticas. Começando com o texto bíblico, mas também avançando histórica e logicamente, através de abordagens de interpretação centradas no autor. Abordagens centradas no texto que enfocam o texto como o locus primário de significado e o objeto primário de interpretação.

Em seguida, abordagens centradas no leitor que localizam o significado no leitor e a capacidade do leitor de dar sentido ao texto. E também abordagens mais pós-modernas e até abordagens desconstrutivas que simplesmente dispensam qualquer significado ao texto. Mas também examinamos vários métodos interpretativos que vão desde abordagens históricas e forma de fonte e crítica de redação.

E olhando para abordagens tradicionais de gramática, contexto e análise lexical. O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. Análise teológica do texto bíblico.

E perguntando como isso afeta a maneira como lemos o texto e como podem ser implementados em uma prática hermenêutica ou prática interpretativa eficaz na compreensão do texto bíblico. Num certo sentido, o que estamos a fazer com as diferentes teorias hermenêuticas e abordagens interpretativas é simplesmente reconhecer a multidimensionalidade do texto. Ou seja, estamos investigando o texto em diferentes dimensões.

Como veremos daqui a pouco, ao discutirmos ou tentarmos integrar todas essas coisas em uma abordagem interpretativa coerente. São os vários métodos que considero necessários porque nos permitem sondar as diversas dimensões do texto, do texto bíblico. Perceber que, como palavra de Deus, o texto chega até nós no seu enraizamento histórico e cultural.

É também uma composição literária que exige o uso de diversas técnicas para compreendê-la. Chega até nós numa linguagem específica e também como palavra de Deus, tem uma dimensão teológica. Portanto, as várias abordagens interpretativas que temos discutido são necessárias porque nos ajudam a sondar ou a enfrentar as diferentes dimensões do texto bíblico.

Então, tendo discutido todos esses vários métodos e abordagens, o que quero fazer é tentar integrar essas várias abordagens, métodos, insights e teorias interpretativas em uma abordagem evangélica para a interpretação das Escrituras. Essa é uma abordagem que leva a sério a Bíblia como a palavra de Deus para o seu povo e leva a sério a Bíblia tanto como palavras de Deus, mas também como palavras de autores humanos. Terá duas partes.

Primeiro, veremos como algumas das diferentes teorias, especialmente as abordagens históricas, tecnológicas, mais centradas no autor, depois abordagens

mais centradas na tecnologia e também ainda mais centradas no leitor e pós-modernas, até mesmo desconstrutivas, aquelas pós- abordagens estruturalistas, como todas elas podem ser integradas em uma abordagem evangélica para a interpretação das Escrituras. Mais uma vez, aquele que leva a sério a Bíblia como a palavra de Deus, ao mesmo tempo que reconhece o seu enraizamento histórico nas palavras de seres humanos e de autores humanos. Mas então a segunda sessão, perguntando como seria uma metodologia interpretativa, como seria uma abordagem que reúna alguns desses vários métodos que estivemos discutindo, descrevendo e ilustrando, como seria uma abordagem interpretativa, como seria uma método interpretativo se parece.

Então, como podemos integrar estas várias abordagens e teorias interpretativas numa abordagem evangélica para interpretar a Bíblia? Em primeiro lugar, farei apenas sete ou oito observações ou comentários que são uma tentativa de refletir as diferentes teorias e abordagens que examinamos. Em primeiro lugar, uma vez que a Bíblia é a palavra de Deus, uma vez que, como cristãos, confessamos que a Bíblia é uma escritura inspirada, é nada menos do que a própria palavra de Deus para o Seu povo. Por causa disso, deve haver algum significado que eu possa chegar. Deve haver outro no texto.

Deve haver algo fora de mim, um significado fora de mim que eu possa alcançar até certo ponto e que possa compreender. Ao ler a Bíblia, a Bíblia pretende claramente indicar que Deus comunicou-se ao Seu povo de uma forma que Ele espera que o Seu povo não apenas compreenda essa revelação, mas também a obedeça e a coloque em prática. Se a Bíblia é algo que Deus espera que Seu povo coloque em prática e com a qual adapte suas vidas, então deve haver algum significado no texto que eu possa alcançar.

Portanto, esse relativismo completo que nega qualquer tipo de significado estável, por mais difícil que seja chegar a esse significado, por mais provisório ou por mais que percebamos que não podemos alcançá-lo perfeita ou exaustivamente, deve haver algum tipo de significado que eu possa obter. substancialmente e até certo ponto. Portanto, parece que o relativismo completo é inconsistente com a Bíblia como a palavra de Deus. Assim, portanto, a intenção do autor ainda é um objetivo válido, mais uma vez, por mais imperfeitamente que seja alcançado, por mais que não possamos alcançar certeza absoluta sobre a intenção do autor, por mais ilusória que possa parecer às vezes, ao mesmo tempo parece que ainda é uma meta digna e necessária.

Que perseguimos a intenção pelo menos provável do autor, isto é, a nossa interpretação do texto deve ser justificada à luz do que o autor poderia ter pretendido e do que o autor provavelmente pretendia. Mais uma vez, embora talvez não possamos descobri-lo de forma perfeita ou exaustiva, isso é possível de forma substancial e adequada. Isso não significa que revelamos o processo de pensamento ou a mente do autor, especialmente quando lidamos com textos escritos por autores que não estão mais disponíveis para consulta.

E já analisamos até mesmo a natureza problemática de consultar autores que ainda estão vivos. Mesmo assim, a intenção do autor parece ser um objetivo digno. E não descobrindo a mente do autor, mas descobrindo a provável intenção do autor e a provável intenção com base no texto que temos, a intenção do autor conforme revelada no texto.

Assim, parece que o corolário de compreender a Bíblia como a palavra de Deus é que deve haver algum significado que Deus pretendia comunicar ao seu povo, que ele espera que eles observem e obedeçam, e que em algum nível possamos chegar. Mais uma vez, ainda que de forma imperfeita ou exaustiva, é um objetivo digno perseguir

o significado do texto e o significado que o autor pretendia até certo ponto. Em segundo lugar, em relação à compreensão da Bíblia como inspirada, voltando a uma das nossas sessões anteriores, a Bíblia como inspirada, vimos que quando confessamos que a Bíblia é inspirada, estamos focando principalmente no texto em si, no produto final, como nada menos que a própria palavra de Deus.

Que quaisquer que sejam os processos humanos pelos quais os autores passaram para escrever as escrituras, o produto final foi nada menos do que o que Deus queria comunicar aos seus leitores. E poderia ser, até certo ponto, de alguma forma, identificada como a própria palavra de Deus. Visto que a Bíblia é a palavra de Deus no texto escrito, o produto final é nada menos que a palavra de Deus, os métodos que focam no texto são válidos e, até certo ponto, necessários.

Ou seja, métodos que focam, por exemplo, na dimensão gramatical do texto, falamos um pouco sobre análise gramatical, análise lexical que trata da redação do texto e do inventário lexical, do vocabulário do texto e do que isso significa. Outras abordagens, como a crítica de redação, que pergunta como o autor reuniu as diferentes formas e fontes e as reuniu em um todo coerente. Análise contextual, abordagens literárias que, novamente, olham para os detalhes do texto e para o funcionamento do texto.

Crítica de gênero que pergunta que tipo de texto é esse, qual a forma literária desse texto. Aqueles métodos que colocam em contato com o texto. Aquelas abordagens que lidam com o texto em si tal como está e lidam com os detalhes do texto são válidas e necessárias.

Estruturalismo, muitas das abordagens centradas no texto. Todos eles nos colocaram em contato com o próprio texto bíblico. A Bíblia como texto, que reivindicamos

como a Palavra de Deus, é, portanto, consistente com abordagens que lidam com o texto em si e olham para os detalhes do texto.

Em oposição a abordagens que apenas olham para as origens do texto e as diferentes fontes e a história que o produziu. Abordagens que lidam com o texto em si e nos colocam em contato com o texto tal como está me parecem válidas e necessárias e consistentes com a Bíblia como a Palavra de Deus. O texto do Antigo e do Novo Testamento é a própria Palavra de Deus para o seu povo.

Uma terceira implicação do que discutimos e um terceiro princípio na integração destas várias abordagens numa abordagem evangélica das Escrituras que leva a sério a Bíblia como a Palavra de Deus. Visto que a Bíblia afirma ser um registro dos atos de Deus na história, as abordagens históricas também são válidas e necessárias. Isto é, abordagens que são a-históricas, algumas abordagens literárias que não estão interessadas ou até mesmo rejeitam a história por trás do texto ou o mundo histórico fora do texto ao qual o texto pode se referir.

Abordagens a-históricas que apenas interessam, especialmente vimos muitas abordagens literárias que não estão interessadas ou às vezes até rejeitam, especialmente algumas abordagens que podem tratar a Bíblia como literatura puramente ficcional ou algo parecido, devem ser rejeitadas, uma vez que a própria Bíblia afirma ser um registro dos atos reveladores de Deus na história ou dos atos redentores de Deus na história em favor de seu povo. Por causa disso, considero que as abordagens históricas são de fato necessárias e válidas. Assim, abordagens relacionadas à crítica histórica que reconstroem o contexto e as circunstâncias históricas, o contexto histórico-cultural, questionando a historicidade do texto, fazendo coisas como harmonizar os Evangelhos, perguntando sobre a validade e a natureza dos eventos históricos aos quais são referidos no texto bíblico, são

necessárias porque a Bíblia afirma ser um registro de Deus agindo na história por e em nome de seu povo.

No entanto, também vimos que as abordagens históricas precisam ser temperadas por uma abordagem que permita e esteja aberta à intervenção divina na história, que, portanto, permita coisas como ressurreições e milagres e que Deus se encarne como um ser humano e a intervenção divina de Deus. na história. Abordagens históricas críticas que operam com uma suposição de causa e efeito que não permitem a intervenção divina e simplesmente vêem a historicidade válida como aquela que é análoga à minha própria situação moderna, aquelas abordagens que simplesmente excluem uma intervenção divina sobrenatural devem ser rejeitadas e são inconsistentes com o texto bíblico que mais uma vez afirma ser uma testemunha e um registro da revelação de Deus sobre si mesmo na história. Assim, a crítica histórica deve ser temperada por uma abordagem que permita o sobrenatural, mas por outro lado, como já disse, as abordagens históricas também nos lembram que quaisquer abordagens hermenêuticas ou interpretativas que sejam inteiramente a-históricas, isto é, elas negar qualquer referencialidade histórica, ou seja, referir-se a um mundo fora do texto.

Ou abordagens que não estão interessadas na dimensão histórica de um texto ou se certos indivíduos realmente existiram ou certos eventos ocorreram também devem ser rejeitadas. Portanto, certas abordagens da crítica literária ou certas abordagens narrativas cairiam nesta categoria. Portanto, como um texto que afirma registrar Deus agindo na história, exige, exige e valida abordagens históricas do texto bíblico.

Quarto, uma vez que a Bíblia também é um documento humano, as várias críticas e algumas das outras abordagens também são valiosas e necessárias, aquelas abordagens que se concentram no autor humano e no processo de composição. Muitas das críticas, como a crítica da forma, até mesmo a crítica da fonte e da

redação, novamente as abordagens históricas que tentam reconstruir o contexto histórico do texto, novamente as diferentes metodologias críticas, quando despojadas de seus pressupostos destrutivos e negativos, são ferramentas valiosas nesse sentido. mais uma vez nos colocaram em contato com o autor histórico, com o autor do texto bíblico. Assim, novamente, por exemplo, a crítica de gênero, que se concentra nos tipos literários comuns que o autor teria usado.

Já dissemos a crítica de redação que explora a maneira como o autor pega fontes, forma e edita e as organiza para comunicar sua intenção teológica. Aquelas abordagens que se concentram no autor como aquele que reúne o texto parecem também ser válidas porque a Bíblia afirma ser um documento humano. Mais uma vez, quando despojadas das suas tendências ou pressupostos destrutivos, estas abordagens podem ser úteis para nos ajudar a lidar com o autor humano e com a actividade do autor na produção do texto.

Portanto, não precisamos temer abordagens críticas ao texto bíblico. Mais uma vez, parecem justificadas porque o texto bíblico contém palavras de Deus, mas também palavras de seres humanos. Portanto, várias abordagens críticas são válidas e necessárias.

Mas, novamente, quando removidos e divorciados das suposições destrutivas e negativas que às vezes acompanham seu uso. Quinto, também porque a Bíblia é a reivindicação do povo de Deus, é a palavra de Deus, porque são as escrituras da igreja, devemos também explorar as dimensões teológicas do texto. E da mesma forma, tenha cuidado com abordagens que ignoram as dimensões teológicas do texto.

Mais uma vez, devem ser evitadas abordagens puramente históricas ou puramente literárias que não levam em consideração a natureza teológica do texto bíblico. Em

vez disso, devemos perguntar o que o texto diz teologicamente. Nós também, como vimos, devemos pegar o texto mais antigo do Novo Testamento e colocá-lo dentro da história teológica mais ampla e abrangente da Bíblia, da atividade redentora de Deus em favor de seu povo e em favor de toda a criação.

Portanto, o Antigo e o Novo Testamento têm uma dimensão teológica como as Escrituras da igreja, como a palavra de Deus para o seu povo que precisa ser explorada. E assim uma análise teológica deve fazer parte do empreendimento interpretativo. Sexto, abordagens ainda mais radicais, abordagens ainda mais radicais de resposta do leitor, onde o significado está, em certo sentido, apenas nos olhos do leitor, e abordagens ainda mais pós-modernas e desconstrutivas do texto bíblico ainda podem ter algo a dizer aos intérpretes cristãos nesse sentido. eles funcionam para castigar o orgulho e a arrogância do intérprete.

Na medida em que funcionam, penso que podem funcionar principalmente para promover a humildade, para reconhecer que ninguém chega a uma interpretação que tenha uma ligação pura, perfeita e imaculada com o significado do texto. Funciona para nos lembrar que ninguém chega ao texto vazio de quaisquer pressupostos e de qualquer entendimento teológico, que ninguém chega ao texto com uma folha em branco, apenas esperando para ser escrita. Todos nós viemos de nossas próprias perspectivas.

E estas diferentes abordagens centradas no leitor e até abordagens desconstrutivas podem funcionar para nos lembrar que todos chegamos ao texto com as nossas predisposições que afetam a forma como o lemos. Todos nós vemos o texto através de uma certa perspectiva. Agora, eu diria que isso não significa, portanto, que estamos fadados ao fracasso, que estamos condenados a simplesmente encontrar no texto o que trazemos para ele, mas em vez disso, usar algumas das outras abordagens que estamos permitido, ou que essa perspectiva possa ser desafiada e

alterada, que os textos possam transformar, que possamos descobrir um significado fora de nós mesmos, algo que é outro.

Mas, ao mesmo tempo, estes tipos de abordagens servem para nos lembrar que, mais uma vez, a interpretação é por vezes um processo confuso, essa intenção do autor, que o significado do texto por vezes pode nos escapar e lembrando-nos da necessidade de humildade na interpretação a palavra de Deus. Não há lugar para arrogância e orgulho. E também nos lembrando da necessidade de estarmos atentos ao uso de interpretações de forma opressiva.

Mas, em vez disso, chegamos ao texto com as nossas próprias perspectivas, mas esperamos permitir que o texto transforme e desafie essas perspectivas da mesma forma no processo interpretativo. Assim, abordagens ainda mais centradas no leitor e até mesmo desconstrutivas podem funcionar de forma útil, lembrando-nos por vezes da natureza provisória das nossas interpretações, lembrando-nos da necessidade de humildade, lembrando-nos do facto de que abordamos o texto com diferentes pressupostos. e predisposições. E, novamente, acho que a pessoa que chega ao texto ciente disso está provavelmente em uma posição muito melhor para interpretar o texto e não permitir que essas perspectivas se sobreponham ao texto do que alguém que simplesmente diz: simplesmente chego ao texto de uma forma objetiva, sem quaisquer pressupostos ou preconceitos.

Essa pessoa provavelmente corre mais risco de permitir que aqueles afetem e influenciem a maneira como ela lê o texto. A sétima é provavelmente a melhor abordagem eclética. Ou seja, todos esses métodos diferentes, mesmo da forma como os descrevi, podemos ver que às vezes certas abordagens têm valor, mas por exemplo, abordagens históricas críticas têm valor, mas também existem fraquezas inerentes se forem aplicadas exclusivamente ao texto , ignorando outras metodologias interpretativas e outras dimensões do texto.

Assim, uma abordagem eclética permite-nos, como já disse, sondar as diferentes dimensões do texto. Todas essas diferentes abordagens nos permitem chegar a diferentes facetas do texto e, portanto, uma abordagem eclética permite que os diferentes métodos se equilibrem. Por exemplo, as abordagens literárias são extremamente valiosas porque lidam com o texto tal como ele se apresenta, lidam com a estrutura do texto e como o texto é montado, com o funcionamento interno do texto, mas as abordagens literárias, ao mesmo tempo, podem têm fraquezas inerentes quando são aplicadas exclusivamente, e também excluindo abordagens históricas e teológicas do texto.

Então, o que estamos pedindo é uma abordagem que seja eclética, que permita que os diferentes métodos interpretativos se equilibrem e, esperançosamente, cheguem a uma interação mais plausível e completa possível com o texto. Este também pode ser o lugar para dizer que uma abordagem que seja tão eclética quanto possível é importante também ouvir as interpretações dos outros e ouvir o que os outros disseram sobre o texto, especialmente aqueles que chegam ao texto de um perspectiva muito diferente da nossa, especialmente aqueles que são marginalizados ou vêm de certas situações. Situações que de fato podem estar mais próximas da situação que o próprio texto bíblico aborda, e às vezes ouvindo outras pessoas que interpretaram o texto de uma perspectiva muito diferente, às vezes isso pode funcionar para nos ajudar a ver pontos cegos em nossa própria interpretação .

Pode ajudar a desafiar, voltando ao número seis, mais resposta do leitor e abordagens desconstrutivas. Às vezes, é ouvir as interpretações dos outros que pode ajudar a desafiar as nossas, onde as nossas interpretações podem ser influenciadas pela nossa própria perspectiva. Na verdade, há agora uma ramificação de mais abordagens da libertação, teologia da libertação e exegese da libertação.

Uma das ramificações disso recentemente sobre a qual não passamos muito tempo falando é a chamada interpretação cultural, que novamente interpreta o texto e o lê a partir de várias culturas e situações. Mais uma vez, isso muitas vezes pode ser valioso para, pelo menos, expor, talvez expor, a nossa própria estreiteza e como as nossas próprias perspectivas podem influenciar a forma como lemos o texto.

Novamente, com o objetivo não de simplesmente valorizar a pluralidade para ter o maior número possível de interpretações, mas de ter perspectivas que possam estar mais próximas da perspectiva real do texto bíblico que nos ajude a chegar mais perto do que o autor realmente foi pretendendo.

Então, tudo isso novamente é apenas dizer, estar atento e ouvir de forma diferente como os outros leram o texto bíblico e como isso talvez possa estar mais alinhado com a intenção do próprio texto em seu contexto histórico original. E então, finalmente, a oitava observação a ser feita em relação a todos esses métodos é que, uma vez que a Bíblia é a palavra de Deus, e uma vez que, como povo de Deus, confessamos que ela é a palavra de Deus, ela deve, em última análise, funcionar para nos transformar. Isto é, devemos responder em obediência.

Devemos responder a isso da mesma maneira que as Escrituras evocam como palavra de Deus. Como às vezes é dito, não basta compreender a Bíblia, mas também devemos permanecer sob a Bíblia. Portanto, não basta simplesmente conformar-nos com a ortodoxia, novamente como alguns disseram, mas é importante defender a ortopraxia.

Em outras palavras, para mim parece ser inconsistente alguém afirmar que a Bíblia é a palavra inspirada de Deus, mas trair, na verdade trair sua descrença nisso, quando deixa de fazer o que ela diz. Portanto, a aplicação é o objetivo final da interpretação. Portanto, penso que estes oito princípios são, parecem-me ser alguns dos insights gerais mais amplos derivados da observação de todas estas metodologias e teorias

anteriores, teorias hermenêuticas relacionadas com a forma como abordamos o texto bíblico.

E simplesmente tentei integrá-los no que considero uma abordagem evangélica para interpretar as Escrituras que leva a sério a palavra de Deus como a própria revelação de Deus, mas ao mesmo tempo as palavras dos seres humanos na revelação de Deus em todas as suas implicações históricas e enraizamento cultural. Agora, como seria então o processo de interpretação? E, novamente, meu propósito não é estabelecer uma metodologia detalhada, mas simplesmente tentar novamente reunir essas informações em um formato que possa ser útil para realmente abordar um texto bíblico. Mas duas coisas que quero dizer, a número um é, uma espécie de dois lados da mesma moeda, a número um é que devemos evitar olhar para isto simplesmente como uma lista de verificação de coisas a fazer, isto é, ou mesmo uma série de passos como se pode-se percorrê-los mecanicamente como se faz uma receita e o resultado final é o significado do texto tal como o autor o pretendia.

Ou ver isso como uma série de estágios que você faz um estágio e então termina e passa para o próximo estágio e então termina e passa para o próximo estágio e termina com isso e você apenas percorre todas as etapas e o produto final é a sua interpretação do texto. Portanto, quero evitar, por um lado, uma abordagem mecânica que simplesmente veria isso como uma série de etapas, como em uma receita que funciona mecanicamente ou que você chega ao produto final. Em vez disso, por outro lado, a segunda coisa que quero dizer é que, por outro lado, o processo interpretativo é provavelmente melhor visualizado, já que muitos intérpretes em discussões sobre hermenêutica, a hermenêutica bíblica parecem gravitar em torno e isso é para compreender o interpretativo processo mais como uma espiral, usando a metáfora de uma espiral.

Ou seja, o processo interpretativo pode ser visto mais como uma interação com o texto, uma espécie de vaivém. Chegamos ao texto, entramos no seu mundo, tentamos dar-lhe sentido, mas fazemos isso com os nossos pressupostos e os nossos pressupostos e a nossa bagagem e a nossa formação teológica e tentamos dar sentido ao texto. Permitimos que o texto continue a explorá-lo no seu contexto original, permitimos que desafie esses pressupostos e transforme essas perspectivas e alinhe-as com o texto.

É uma espécie de interação que nos permite chegar cada vez mais perto do texto bíblico e do significado do texto como provavelmente pretendido pelo autor em seu contexto histórico. Isso também significa que esses diferentes métodos interpretativos ou etapas do processo interpretativo não são aqueles que completamos e depois terminamos com eles, mas que continuam a interagir uns com os outros, continuam a afetar a maneira como fazemos os outros. Eles interferem continuamente no processo interpretativo.

Então, mais uma vez, acho que uma espiral pode ser pelo menos uma das melhores metáforas que podemos inventar para descrever o processo interpretativo desse vaivém continuando a sondar o texto e permitir que ele fale e desafie nossas suposições com a esperança de que chegamos cada vez mais perto de uma leitura plausível do texto bíblico que esteja em conformidade com o que o autor provavelmente pretendia e seus leitores teriam entendido no contexto histórico. Aqueles que defendem tal método são claros que este não é um círculo vicioso, mas ao usar a metáfora de uma espiral, a espiral fica cada vez mais apertada à medida que se aproxima do significado do próprio texto. Dito isto, como seria uma abordagem interpretativa? Primeiro de tudo, o que eu quero fazer é discutir novamente o que e alguém poderia desenvolvê-los com mais detalhes, poderia até haver, alguns poderiam até organizar isso de forma um pouco diferente.

Tentei simplesmente seguir o que considero uma forma padrão, quase lógica, de reunir essas diferentes abordagens. Portanto, pode-se organizar isso de maneira um pouco diferente, mas o que eu quero fazer é simplesmente explicar o que considero bastante comum, que reflete a metodologia interpretativa comum, mas parece ser também uma abordagem bastante lógica para aplicar esses métodos ao texto bíblico. . O número um é, e esperamos que você seja capaz de identificá-los e estabelecer conexões com os diferentes métodos e abordagens que estudamos.

O número um é que, antes de tudo, quando se trata de um texto bíblico, é preciso identificar e estar ciente de seus pressupostos e crenças que podem influenciar a maneira como você lê o texto. Então pergunte a si mesmo: quais compromissos teológicos você traz para a compreensão do texto? Que formação específica ou que formação cultural específica você traz para a compreensão do texto? Que compreensão deste texto você já tem e que traz para ele? Que compreensão prévia deste texto você poderia ter que poderia influenciar a maneira como você o lê? O que no texto não é familiar para você? Há mais alguma coisa que possa influenciar a maneira como você lê este texto? Portanto, isto faz simplesmente parte de estarmos conscientes dos nossos próprios pressupostos, dos nossos próprios antecedentes, das nossas próprias crenças, e de colocarmos isso na mesa, porque isso nos ajudará a compreender o texto, mas ao mesmo tempo precisamos de estar conscientes de que estes influenciam a maneira como o lemos, e precisamos estar abertos para permitir que o texto desafie isso e estar cientes de como isso pode estar influenciando a maneira como lemos o texto. Antes de começarmos, olhe para o próximo, um pouco à parte, este poderia ser outro passo, mas mais uma suposição por trás do restante dessas abordagens e desses métodos é que a suposição é que você consultará várias boas traduções em inglês ao longo do processo interpretativo, ao longo de todo o processo.

Presumo que não tenha conhecimento de grego e hebraico, se alguém conhece grego e hebraico, obviamente irá querer trabalhar com esses textos, mas para aqueles que não sabem, principalmente este método interpretativo é voltado principalmente para aqueles que não têm conhecimento de Grego e Hebraico. Então o segundo passo no processo interpretativo é estudar então o mundo social e histórico do texto, ou seja, quer-se entrar no mundo do texto e tentar compreender histórica, social, religiosa, politicamente, o contexto que produziu ou reside por trás do texto bíblico. E há duas coisas que eu acho que compõem essa parte do processo interpretativo, primeiro você precisa estudar a história por trás do texto, ou seja, estudar coisas como o autor, tudo que você pode saber sobre o autor, tudo que você pode saber sobre os leitores, o que vocês podem saber sobre coisas como datas, quando isso é importante, o propósito aparente do livro, os problemas que estão sendo abordados ou o problema que está sendo abordado.

Algumas dessas informações podem ser encontradas no próprio texto, ao ler o texto bíblico, o texto do Antigo ou do Novo Testamento, às vezes pode-se inferir a situação ou encontrar referências específicas ao autor ou leitor ou ao propósito da escrita. Mas, caso contrário, deve-se considerar também quaisquer outros recursos extra-bíblicos que o ajudarão a montar uma reconstrução plausível da história por trás do texto, quais foram os fatores históricos e culturais que o texto parece abordar, qual foi o contexto histórico e cultural mais amplo do texto bíblico. E depois, em segundo lugar, voltaremos a este, mas esteja ciente da história no texto, ou seja, referências específicas a questões históricas, culturais ou sociais, religiosas ou referências no próprio texto.

E começando a ficar alerta sobre como isso pode fazer diferença na forma como você lê o texto. Terceiro, a terceira etapa do processo interpretativo é identificar o gênero literário ou a forma do texto com o qual você está lidando. Que tipo de literatura, falamos sobre vários tipos no Antigo e no Novo Testamento, é esta narrativa, é esta

poesia, é esta literatura sapiencial, é esta profética, é jurídica e literatura jurídica, é epistolar, é apocalíptica.

Ser capaz de identificar o gênero literário ou a forma do texto que você está estudando. E depois, em segundo lugar, ser capaz de identificar que princípios surgem, que princípios interpretativos surgem dessa forma literária. Como vimos, toda forma literária exige que você a trate de maneira diferente.

Portanto, você precisa perguntar quais métodos serão particularmente necessários com base nesta forma literária. Que perguntas, que perguntas específicas devo fazer, que princípios precisam ser aplicados dada a forma literária. A quarta é então estudar o contexto literário mais amplo da sua passagem.

Passamos algum tempo conversando e dando exemplos de como fazer a pergunta: como sua passagem se encaixa na estrutura geral e no argumento de todo o livro. Neste ponto, algumas pessoas acham útil delinear o livro. Sou totalmente a favor de esboços, desde que sejam interpretativos e que ajudem a revelar a estrutura do texto e o que está acontecendo.

É importante entender onde o seu texto se enquadra no plano e na estrutura mais amplos do livro. Como isso se encaixa no argumento principal do autor no livro. E como eu disse antes, é aqui que é importante ignorar as divisões de capítulos e versículos quando você está lidando com um texto bíblico.

Como já disse inúmeras vezes, eles existem simplesmente para nos ajudar a chegar ao mesmo lugar, especialmente em livros mais longos. Mas não são necessariamente indicativos de divisões na própria Bíblia. Portanto, você deve ignorar as divisões de capítulos e versículos quando se trata de compreender a estrutura.

Mas tente entender como sua passagem se enquadra na estrutura geral e no plano do livro. Mas, em segundo lugar, como se relaciona mais especificamente com o que vem antes e com o que vem depois. Como o seu texto sai da seção que vem logo antes dele? Como ele se prepara e se ajusta ao que vem depois? O que faltaria se o seu texto não estivesse lá? Como isso se enquadra no argumento da seção mais ampla em que ocorre? Na minha opinião, você não está preparado para passar para os outros estágios da exegese e da interpretação até que possa responder a esta pergunta.

Porque qualquer significado do texto deve ser coerente e consistente com o contexto literário mais amplo da obra em que aparece. A próxima etapa da interpretação é começar a analisar os detalhes do texto. De certa forma, você pode ver logicamente que a interpretação começa de forma ampla, fornecendo uma estrutura e compreensão do texto.

E então se restringe para começar a examinar os detalhes do texto. Como eu disse, enquanto trabalhamos nesses estágios, é importante perceber que você não apenas completa o contexto literário e o abandona e passa para o próximo estágio. Mas isso fornece uma estrutura para interpretar os detalhes.

Às vezes, os detalhes farão com que você volte e revise sua compreensão do contexto e até mesmo do contexto histórico. Isso faz parte desta espiral hermenêutica de ir e vir entre os detalhes e o todo do texto que outros intérpretes reconheceram. Mas com esta quinta etapa, começamos agora a analisar os detalhes do próprio texto.

Aplicar os métodos adequados ao gênero literário. Assim, por exemplo, identifique termos-chave ou palavras-chave para estudo. Conversamos sobre análise lexical e

exame do vocabulário, das palavras do texto e como isso pode fazer a diferença no significado.

E algumas das armadilhas a evitar. Identifique as principais questões gramaticais e sua função. Aqui, a menos que você conheça grego e hebraico, provavelmente desejará contar com uma tradução muito literal, uma tradução formalmente equivalente, mas também com comentários e qualquer outra ferramenta que ajude a expô-lo às características gramaticais do texto.

Analisando conectores importantes, os *es*, *mas* e *portantos*, e aquelas coisas que funcionam para mostrar como diferentes frases ou parágrafos diferentes, como eles estão conectados entre si. E para identificar quaisquer outras questões e problemas interpretativos no texto com os quais você precise lidar. Que problemas ou questões você precisa resolver antes de chegar à compreensão do texto? Mas, como dissemos também, é importante compreender como o gênero literário afeta a maneira como você examina os detalhes.

Por exemplo, se estou lidando com narrativa, focarei mais na relação dos parágrafos. Fora do discurso e das narrativas, provavelmente não estarei tão preocupado com o fluxo lógico detalhado e o argumento firme de frase em frase ou de cláusula em cláusula. Embora isso possa ser importante, provavelmente me concentrarei mais no nível do parágrafo e em unidades de texto muito maiores.

Poesia, dissemos que você se concentraria mais em coisas como paralelismo e discurso metafórico. Cartas, você fará a pergunta sobre a ocasião, qual foi a ocasião que evocou a escrita da carta. Aqui, com as letras, você rastreará com mais cuidado o argumento de frase em frase e de cláusula em cláusula.

Com a literatura do tipo apocalíptico, você se concentrará mais no símbolo, no simbolismo do texto e no que o simbolismo significava, a que poderia ter se referido. Com os evangelhos, você utilizará ferramentas como crítica de forma e redação. Outras ferramentas de análise narrativa, como o enredo e os personagens, e aquelas coisas que você aplicaria com abordagens literárias e narrativas.

Com o Antigo Testamento, você também fará perguntas sobre o uso do Antigo Testamento no Novo. Seja por citação direta ou mais a título de alusão e pergunte o que é o texto do Antigo Testamento, em que contribui a compreensão desse texto e como o autor o utilizou. Finalmente, no número cinco, na fase de análise dos detalhes do texto, você também desejará consultar quaisquer comentários ou outras ajudas que o ajudem a identificar quaisquer outros detalhes ou quaisquer outras questões no texto que você possa ter perdido.

Aliás, é importante ao examinar os detalhes do texto estar sempre se perguntando: que diferença isso faz na leitura do texto? Não é suficiente simplesmente desenterrar os detalhes para que eles simplesmente fiquem na página. Ao examinar o vocabulário, a gramática, os conectores e as diferentes características dos gêneros no texto, e ao fazer perguntas sobre o uso do Antigo Testamento no Novo, em cada estágio você deve levantar continuamente o pergunta, que diferença isso faz na interpretação do texto? O que isso contribui para minha compreensão do texto? Não me diz nada simplesmente percorrer e rotular certas partes do texto ou isolar palavras e seus significados. Você deve se esforçar continuamente para relacionar isso com o significado do próprio texto.

O que isso contribui para minha compreensão do texto? O número seis, então, é analisar a teologia do seu texto. Que temas-chave, que termos ou temas teológicos-chave são evidentes no texto? Como eles são desenvolvidos no texto? Como sua passagem contribui para esse tema e sua compreensão? Mas também para

perguntar: como o seu texto se enquadra na história teológica mais ampla e abrangente da Bíblia? Reconhecendo, mais uma vez, que o contexto final do seu texto é o cânone teológico bíblico mais amplo que consiste no Antigo e no Novo Testamento, que agora mantêm uma relação orgânica entre si. Portanto, este estágio é simplesmente analisar a teologia do texto, é simplesmente reconhecer que o contexto último e final é o contexto canônico teológico e mais amplo da sua passagem.

Então, em última análise, você precisa se perguntar como o seu texto se encaixa nessa história. Onde isso se encaixa? Como isso se relaciona e contribui para essa história contínua? Ler o Novo Testamento à luz do Antigo Testamento, especialmente quando há alusões ou citações claras. Mas também lendo o Antigo Testamento à luz do Novo Testamento para ver como ele finalmente se cumpre no clímax da atividade redentora de Deus na pessoa de Jesus Cristo.

Sétimo. A sétima etapa é resumir a ideia principal em uma ou duas frases completas. Ser capaz de resumir, simplesmente sintetizar agora tudo o que você fez até aqui com base no contexto mais amplo, no contexto histórico, examinando os detalhes do texto, a dimensão teológica do texto.

Agora veja se você consegue resumir sua passagem, o tema principal ou a ideia principal do seu texto. O que exatamente isso está dizendo? Em uma ou duas frases completas, não em pensamentos abstratos, mas em uma ou duas frases completas, o que você percebe como o significado do texto? Estas frases devem centrar-se no significado e na função do texto, não apenas no conteúdo, mas devem revelar o que o texto significa e como funciona, qual é o seu propósito. Também deve levar em conta todos os detalhes.

Todos os detalhes do texto devem ser incluídos e resumidos em seu resumo principal. Deve ser específico do texto e não apenas geral. Apresentar uma declaração geral de que devemos obedecer a Jesus ou que Deus quer que seu povo o obedeça, que poderia caber em praticamente todos os textos do Antigo e do Novo Testamento.

Portanto, precisa ser específico para aquele texto, pois funciona em seu contexto, pois é consistente com o propósito daquela passagem. E novamente, como eu disse, deve ser interpretativo. Deve focar no significado do texto, não apenas repetir e resumir o conteúdo.

Então, novamente, até que você possa fazer isso, você ainda não lutou o suficiente com o texto em si até poder resumir seu significado em uma ou duas frases. Então, finalmente, o número oito é que você deve refletir sobre uma aplicação válida. Talvez eu deva dizer que você deveria refletir mais sobre a aplicação válida porque o número oito não é um passo a ser dado no final, mas em certo sentido, como dissemos, é o próprio objetivo da interpretação, algo que provavelmente já se sabe. traçando possíveis correlatos e correspondências entre o mundo do texto bíblico e o nosso próprio mundo.

Mas, em última análise, à luz da compreensão e interpretação do texto, é necessário sentar-se e refletir sobre a aplicação válida. Que analogias emergem entre o texto antigo e o mundo do texto bíblico e o nosso mundo moderno? Que princípios parecem emergir do texto que podem ser aplicados transculturalmente? E perguntar: serão estas analogias, serão estes princípios, serão estas aplicações consistentes com o contexto mais amplo do texto bíblico? Eles são consistentes com o propósito do texto, o propósito e a intenção do texto? E depois declarar uma aplicação específica para o povo de Deus hoje, não apenas individualmente, o que se deve fazer, mas como se vive a vida dentro do povo de Deus, a igreja. Portanto, ao

concluir a discussão desses princípios interpretativos nesta lista, como eu disse, é importante perceber que esta não é simplesmente uma série de oito etapas que se trabalha mecanicamente, que simplesmente se executa cada etapa e depois a deixa de lado. e passa para o próximo.

Mas em vez disso, é mais um processo dinâmico. Sim, esses estágios devem ser distintos e a pessoa passa por eles, mas ao mesmo tempo você reconhece que às vezes os outros estágios afetam a maneira como você realiza um estágio. E ter realizado um estágio pode exigir que você volte e revise outro.

Então, novamente, é uma interação constante com o texto, como uma espiral à medida que tentamos nos aproximar cada vez mais do significado do texto como provavelmente pretendido pelo autor em seu contexto histórico e literário original. Ao mesmo tempo, também acho importante acrescentar que quando interpretamos o texto, o fazemos de uma forma que exige criatividade. Mais uma vez, o outro lado de simplesmente tratar isto como fazer uma receita, passando por oito etapas, é que a interpretação requer, até certo ponto, a criatividade do intérprete.

Muito depende da sua habilidade e criatividade, não tanto em encontrar significados selvagens ou diferentes, mas na sua capacidade de aplicar esses métodos de forma criativa e perspicaz ao texto bíblico. Para que, no final das contas, o objetivo seja chegar a uma interpretação plausível. Um que seja consistente com o que o autor provavelmente pretendia.

Aquele que é consistente com o contexto histórico e cultural do texto bíblico. Aquele que é consistente com o contexto literário do texto bíblico. Aquele que reflete a teologia do texto.

E que equipa a igreja para viver a sua vida no mundo. Aquele que equipa o intérprete para viver sua vida no mundo e na igreja. Portanto , estou convencido de que um processo interpretativo como o que acabamos de esboçar pelo menos nos fornece um ponto de partida, uma metodologia inicial que nos ajudará a envolver o texto bíblico de uma forma que nos ajudará a entendê-lo da maneira que Deus pretendia através de seus autores humanos comunicar sua revelação ao seu povo.

Quer tenha sido no primeiro século ou antes, quer seja o povo de Deus hoje.